

Bloco I: OS GÊNEROS ARQUETÍPICOS DO CIRCO-TEATRO

Famílias circenses: características, glórias e percalços

por Daniele Pimenta⁵

Resumo: Neste texto, a autora aborda a estrutura social circense brasileira, partindo da formação do artista em âmbito coletivo e familiar, com base em sua própria experiência e nas memórias familiares. Trata também das fases mais significativas da evolução do circo brasileiro, em seus aspectos positivos e negativos.

Abstract: In this paper the author discusses about the social structure of Brazilian circus, starting with the formation of the artist in a collective and family ambit , based on his own experiences and family memories. The author also broaches the most significant phases of the evolution of Brazilian circus, in its positive and negative aspects.

Palavras-chave: circo, história do circo, famílias circenses.

Keywords: circus, history of the circus, circus families.

19

Aceitei com muito prazer o convite para escrever sobre as características, glórias e percalços das famílias circenses. Entretanto, logo que comecei a organizar os pensamentos, me dei conta de que, como a história das nossas famílias circenses se confunde com a própria história do circo no Brasil, a tarefa poderia não ser simples para o pouco tempo disponível. Nós, circenses, ficamos muito tentados a alongar nossos relatos e, em contrapartida, minha formação como pesquisadora estaria sempre filtrando e procurando barrar os possíveis excessos saudosistas e emocionais de quem cresceu no circo. Enfim, passado o duelo interno, eis um pouco do que posso dizer sobre o tema.

⁵ De tradicional família circense, é atriz, coreógrafa, diretora musical e codiretora da Cia. PicNic de Teatro. Doutora pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestre pela Universidade de São Paulo (USP), professora de teatro na graduação e na pós-graduação em Educação Artística das Faculdades Integradas Coração de Jesus (Fainc), em Santo André – SP.

Características

O circo tem uma cultura própria e muito complexa, pois compreende diferentes culturas. São famílias de diversas nacionalidades e regiões construindo um universo que resulta aparentemente homogêneo para quem o observa, mas composto de diferenças essenciais, como língua, religião, comida, hábitos, princípios familiares e outros tantos aspectos com os quais os circenses convivem em todos os momentos, pois trabalho, relacionamento social e lazer estão circunscritos a um único ambiente.

A formação do circense desenvolve-se em duas frentes: coletiva e familiar.

A formação coletiva compreende a transmissão dos saberes especificamente circenses, sobretudo das técnicas corporais que condicionam fisicamente as crianças para o desenvolvimento de seus futuros números, por meio do treinamento diário, orientado por um adulto responsável por todas as crianças. Há diferenças no treinamento, de acordo com a idade e o sexo. Geralmente, as meninas iniciam o treinamento por atividades de contorcionismo e os meninos por atividades de salto e equilíbrio, porque as atividades futuras, de maneira geral, demandarão habilidades e respostas diferentes de cada corpo: suavidade, flexibilidade, leveza e elegância para as mulheres; agilidade e força para os homens.

A formação familiar permite resguardar as diferenças culturais, mas também implica treinamento específico para a inserção do jovem no número de família, além do desenvolvimento de possíveis números-solo.

Essas duas formações compõem a cultura circense, caracterizada fundamentalmente pelo nomadismo, o qual imprime a necessidade de preservação cultural, de proteção das crianças pelo coletivo e da manutenção das tradições artístico-administrativas em relativa independência das sociedades que recebem o circo.

As tradições artísticas compreendem a transmissão de estruturas dos números; construção e manutenção de equipamentos;

guarda-roupa (como os circenses referem-se a seus figurinos); possibilidades de evolução técnica e estética das atividades circenses.

As administrativas absorvem diferentes funções – como secretaria, gerência, publicidade – e suas atribuições; além de atividades complementares, como vendas e manutenção de equipamentos gerais do circo (soldador, eletricista, costureiro, bordador etc.).

Nesse sentido, a estrutura social circense tradicional engloba as relações entre vida familiar, pessoal e profissional, partindo da atribuição de funções bem definidas, tanto sociais quanto artísticas, técnicas e administrativas.

A organização dessa estrutura geralmente apresenta as seguintes características:

- as despesas comuns, como fornecimento de água e luz, coleta de lixo, são custeadas pela empresa;
- os contratos de trabalho são firmados por família. A subdivisão do pagamento depende dos critérios de cada família, geralmente em função de faixas etárias e das atividades que cada sujeito desenvolve no circo. As famílias costumam ter um número coletivo, pelo qual é contratada, mas seus integrantes podem desenvolver outros números e, eventualmente, a empresa pode fazer pagamentos individuais para números-solo, independente do número da família;
- cada família tem sua própria habitação, o que sofreu mudanças muito intensas ao longo da evolução da história do circo: de casas alugadas a *trailers* e *motorhomes*, passando pelas barracas de lona, casas desmontáveis e carretas adaptadas;
- a habitação coletiva só existe para alguns funcionários contratados para a montagem, desmontagem e manutenção do circo, os quais convivem com funcionários eventuais na chegada a uma cidade e no momento de deixá-la. Para eles, o circo mantém uma cozinha

com refeitório, cuja estrutura é sempre proporcional ao porte da empresa circense, chegando a padrões semi-industriais.

A educação formal, considerando aqui desde a alfabetização a alguns casos de circenses que completam a formação superior mesmo sem se desligarem do circo, depende basicamente do empenho de cada família em solicitar às escolas de cada cidade as vagas a que os filhos de profissionais viajantes têm garantidas por lei, mas em algumas empresas, principalmente nas etapas iniciais do desenvolvimento do circo no Brasil e, posteriormente, até o presente, nas fases em que determinados circos passam por regiões sem infraestrutura escolar satisfatória, a solução encontrada é a contratação de um professor para lecionar em uma estrutura similar às escolas rurais, com o atendimento coletivo às várias crianças com conteúdos diferenciados por faixa etária.

Socialmente, as famílias circenses vivem o desafio de manter sua privacidade em um ambiente fechado, morando muito próximas umas das outras e em residências frágeis estruturalmente. O respeito à privacidade é um acordo tácito, mantido pelo hábito de considerarem o espaço externo às casas como espaço comum, no qual acontecem todas as brincadeiras das crianças e jovens, além dos eventos coletivos, como festas no picadeiro e jogos de futebol ou churrascos em espaços livres do terreno.

Os casamentos, apesar das inúmeras lendas e do mito de que “palhaço é ladrão de mulher”, acontecem, na maioria das vezes, entre circenses, mas há também casamentos entre circenses e pessoas da cidade, principalmente nas fases em que os circos ficam muito tempo nas cidades, o que depende tanto do perfil das regiões visitadas quanto da evolução estrutural dos circos ao longo de sua história, pois as diferentes estruturas físicas dos circos demandam relações diversas com a cidade, em função da necessidade de tempo para limpeza e nivelamento do terreno, montagem e desmontagem do circo, que podem levar horas e até mesmo semanas.

Os casamentos entre circenses podem resultar em reforço do

repertório artístico das famílias envolvidas, com a criação de novos números pelo casal e seus filhos ou, o que é quase inevitável, na perda de números quando o novo casal decide mudar de circo.

Quanto aos casamentos com pessoas da cidade, por minhas memórias, poucas foram as vezes em que a união resultou na saída do circense para uma vida na cidade. Geralmente, o circo ganha um novo integrante, que em pouquíssimo tempo é absorvido em suas atividades artísticas ou administrativas.

Glórias

No Brasil, o circo teve algumas fases “de ouro”, nas quais, conseqüentemente, nossas famílias viveram suas maiores glórias.

No último quarto do século XIX, grandes companhias circenses internacionais fizeram temporadas de sucesso no Brasil, ocupando os teatros do Rio de Janeiro com suas pantomimas circenses de grande porte (pantomimas equestres e pantomimas aquáticas).

Já em suas estruturas itinerantes, as empresas estrangeiras foram responsáveis pela difusão do circo pelo País, o que resultou na fixação de muitas famílias em nosso território e na formação de novas empresas por associações familiares.

No século XX, destacam-se dois períodos de glória:

- o auge do circo-teatro, nas décadas de 1940 e 1950, com uma geração de artistas nascidos na “nova tradição”, tecnicamente bem preparados para o teatro circense, com domínio da linguagem, inovações tecnológicas e produções de esmerada qualidade, em circos como o Pavilhão Arethúza, Irmãs Silva, Rosário e Nerino, entre outros;
- e, nas décadas de 1970 e 1980, após a recuperação econômica de empresas circenses nacionais que passaram a se dedicar ao formato do circo de variedades, nosso público volta a valorizar o circo, entusiasmado com a presença de nomes como Thiany, Garcia, Orfei, além dos já brasileiros Bartholo, Robattini, Neves e muitos mais.

Percalços

A maior parte dos percalços de nossas famílias só é notada quando se passa muito tempo afastado do circo, com a adaptação a padrões de vida diferentes, porque a rotina circense é precária: o chão de terra ou, muitas vezes, de barro; banheiros e cozinhas que necessitam de reestruturação a cada chegada em um novo terreno; pouco espaço para objetos pessoais; ter de procurar escolas a cada nova cidade; amizades e romances restritos ou mesmo interrompidos à revelia de seus protagonistas, pela mudança da família para outro circo.

Mas há percalços mais sérios e perceptíveis para os circenses, causados por interferências externas. Por exemplo, o preconceito, que já levou muitas paróquias a impedirem a montagem de circos em cidades pequenas, que faz com que tratem as crianças circenses como aberrações nas escolas e que leva muitas famílias a ocultarem seu passado circense, para evitar que suas mulheres ficassem “malfaladas”.

Ainda como problemas de causa externa, há a indisponibilidade de terrenos; os impedimentos legais inesperados (como o toque de recolher no período do golpe militar ou a recente proibição da presença de animais); perda de público por parâmetros impostos pela concorrência com a televisão e o cinema, como o gosto por efeitos especiais, em detrimento das habilidades físicas circense, ou mesmo pelas referências do chamado “novo circo”, ditando moda nos figurinos e nas trilhas sonoras do *Cirque du Soleil* (Canadá).

Encerrando...

Como estímulo ao debate, lanço as seguintes provocações: com o surgimento das escolas de circo, a partir da década de 1980, observamos nos circos artistas “avulsos”, isto é, que não pertencem às tradicionais famílias circenses. Nesses anos de convivência, alguns desses artistas casaram-se e constituíram novas famílias circenses? Ou trabalham esporadicamente, sem criar vínculos além dos profissionais? Sabemos que as escolas de circo e a difusão de atividades circenses em oficinas também influenciam os grupos

teatrais. Esse intercâmbio vai estimular e alimentar o desenvolvimento circense ou pode enfraquecer algumas de suas características essenciais?

Particularmente, considero que o circo tem, por tradição, de absorver o “novo” e adaptar-se para sobreviver aos tempos de crise, fortalecendo-se em novos formatos. Quero crer que, em algumas décadas, estaremos em uma nova fase de glória circense, pois se o contraste com novas tecnologias tem afastado o público dos circos, o mesmo excesso tecnológico, que tem reduzido ao mínimo algumas relações pessoais, fará com que o ambiente circense torne-se uma grande oportunidade de encontro e de encantamento por feitos (quase sobre-)humanos. E no caminho dessa transformação está essa relação que se estreita entre circo e teatro, como já ocorreu em tantos momentos de nossa trajetória.

Referências bibliográficas

PIMENTA, Daniele. O circo no Brasil, de dentro da cerca. In: *Arte e cultura da América Latina*: vol. VII, n. 2. São Paulo: Cesa/ Fapesp, 2000.

_____. *A dramaturgia circense: conformação, persistência e transformações*. Tese (Doutorado em Artes) - Campinas: Instituto de Artes/Unicamp, 2009.

SILVA, Ermínia. *O circo: sua arte e seus saberes – o circo no Brasil do final do Século XIX a meados do XX*. Dissertação (Mestrado em História) - Campinas: IFCH/Unicamp, 1996.

_____. *As múltiplas linguagens da teatralidade circense – Benjamim de Oliveira e o Circo-Teatro no Brasil no final do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado em História) - Campinas: IFCH/Unicamp, 2003.

TORRES, Antônio. *O Circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.